

Apresentação

O desejo de organizar um volume especial sobre o Renascimento surgiu a partir do último encontro do grupo *Ética e Filosofia Política do Renascimento* – na ANPOF (realizada em Canela, em 2007) - que reunia então pesquisadores dedicados à investigação de autores e temas do pensamento renascentista da PUC-RJ, UFMG, UFMT, UNIOESTE – PR, UNIFESP e USP, das áreas de filosofia e história.

Em 2008, e com o estímulo dos professores Newton Bignotto e Sergio Cardoso, iniciamos a execução deste projeto que tornou-se mais urgente tanto a partir do reconhecimento da escassez de obras sobre o tema no Brasil, quanto do desconhecimento entre os próprios pesquisadores da área dos trabalhos desenvolvidos atualmente nas diversas instituições de pesquisa do país. Assim, a presente publicação tem pelo menos três claros objetivos: (1) propor o conhecimento – ainda que parcial - da imensa riqueza e complexidade que envolve o tema da cultura do Renascimento em algumas das suas diversas faces, bem como problematizar a questão fundamental de suas relações com a Antiguidade Clássica e a Modernidade; (2) aproximar os núcleos de pesquisa e divulgar os trabalhos que estão sendo desenvolvidos e (3) estimular novos analistas e novos trabalhos nesta área tão fértil.

Nesse sentido, foi fundamental para a realização dessa empreitada a iniciativa do professor Daniilo Marcondes ao aceitar publicar na revista *O que nos faz pensar* um número especial sobre este período ainda relativamente pouco estudado em nosso país. E que, quando estudado, fora quase sempre em relação às artes plásticas, principalmente a pintura, a escultura e a arquitetura; talvez por influência de estudos célebres como a *Vida dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos* de Giorgio Vasari, de 1550, e *A cultura do Renascimento na Itália* de Jakob Burckhardt, de 1860, com base nas quais em grande parte o conceito de “Renascimento” foi formulado e é empregado ainda hoje.

Mais recentemente, contudo, uma série de novos estudos, destacando-se os de, Brian Copenhaver, Eugenio Garin, Jean-Claude Margolin, Jerrold Siegel, Nancy Struever, Marc Fumarolli, Paul Oskar Kristeller, Quentin Skinner, Victoria Kahn, entre tantos outros, abriram caminho para uma interpretação mais ampla, para além do campo especificamente artístico; apontando para a originalidade de um pensamento político e moral. Propondo novas perspectivas nas pesquisas sobre o Renascimento, algumas análises também atribuíram um lugar de destaque para os estudos retóricos nas últimas décadas; que se tornaram uma chave essencial para a compreensão dos escritos humanistas, uma vez que as convenções estabelecidas em tratados de arte retórica atuavam como efetivos princípios ordenadores das diversas práticas letradas, como a composição de cartas, tratados, discursos de gênero histórico e da ficção poética.

Certamente, não foi por acaso que quatro dos dozes artigos reunidos neste número especial, que intitulamos simplesmente *Renascimento*, trataram justamente das relações entre retórica, política e educação na Renascença (como os textos de Fabrina Magalhães Pinto, Felipe Charbel e Helton Adverse). O artigo de Gabriel Pancera também se detém sobre questões da escrita; mas desta vez sobre o termo *estado* na obra maquiaveliana, sobretudo através do exame dos seus *Primeiros escritos políticos*, bem como pela sua vasta correspondência.

O esforço dos humanistas na recuperação das artes e das ciências antigas teve também repercussão no âmbito do direito. Mantendo uma linha tênue com as discussões sobre a retórica na Renascença, a prática filológica foi utilizada por alguns juristas franceses para desenvolverem um novo método de ensino jurídico – temática esta tratada aqui por Alberto R. de Barros em seu artigo intitulado *Humanismo Jurídico*.

Outra chave analítica desenvolvida neste volume trata de alguns dos mais importantes críticos do Humanismo, como nos é apresentado pelos artigos de Carlos A. Brandão, Newton Bignotto, Sergio Cardoso, Maria Cristina Theobaldo e Sergio Xavier. Em oposição a uma imagem quase mítica do Renascimento - presente nas grandes obras de Botticelli, Miguel Ângelo, Leonardo, na valorização da antiga elegância e estilo dos antigos, nas palavras de Erasmo e Giorgio Vasari sobre a era de ouro da cultura que presenciaram – o “antihumanismo” se afirma como força constitutiva interna e como consciência crítica do próprio humanismo acerca de seu projeto e de seus métodos; como nos mostra Carlos A. Brandão ao tratar de Alberti e sua denúncia explicitamente a retórica vazia de seu tempo e sua visão desencantada da vida e do homem.

Mesmo em Pico della Mirandola (como propõe Newton Bignotto), pensador italiano entendido muitas vezes como o defensor por excelência da dignidade e liberdade do homem, é preciso nuançar a idéia de que o eixo da sua filosofia é o tema da dignidade dos homens compreendido como elemento de fundação do pensamento moderno e crítica radical do passado cristão medieval.

Em Montaigne, por sua vez, que escreve seus *Ensaïos* já nos fins do século XVI, a consciência crítica do humanismo sobre seus próprios ideais e métodos parece alcançar seu ponto extremo. É o que nos mostra Sergio Cardoso vislumbrando na contraface de seus vivos ataques ao pedantismo a afirmação de uma nova cultura centrada na experiência e no livre exercício do *jugement*. Em direção semelhante, procurando dar conta do significado e alcance da postura crítica de Montaigne, segue também o artigo de Maria Cristina Theobaldo, tratando do repúdio que votava aos métodos tradicionais da educação humanista. Já o artigo de Sergio Xavier debruça-se sobre o sentido da crítica da ambição de glória nos *Ensaïos*, com que Montaigne toma para si uma das tópicas mais recorrentes na literatura política e moral do humanismo, ligada aos valores de grandeza da Antiguidade greco-romana.

Por fim, resta-nos ainda destacar o texto de Eduardo Kickhofel sobre *Aristóteles, Alberti e a ciência do pintor*, que explora o início da aplicação de saberes teóricos em produções na Renascença italiana e, para tanto, investiga o tratado *Da pintura* de Leon Battista Alberti. Também tratando das artes, o artigo de autoria do português Miguel Figueira de Faria, reúne as primeiras representações visuais sobre o Brasil na arte portuguesa do século XVI, estabelecendo um paralelo com as criações de outros países europeus sobre o assunto, tendo presente o respectivo impacto filosófico e ideológico na cultura e mentalidade da época.

Esta coletânea de artigos aqui apresentada constitui a primeira publicação conjunta de pesquisadores de cinco estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná) oriundos de seis departamentos de pesquisa. Esperamos com isso, sinceramente, que a partir deste amplo intercâmbio e interdisciplinaridade surjam novos trabalhos, novos grupos de discussão e, quem sabe, novos números sobre o Renascimento.